***(RE) NORMALIZAÇÕES E USOS DE SI* NO TRABALHO**: estudo de caso em uma indústria metal-mecânica.

Letícia Aparecida da Silva
Luiz Felipe Silva
Davidson Passos Mendes

Resumo

Esta pesquisa possui como objeto de estudo a análise da complexidade das situações de trabalho dos operários do setor de produção de uma indústria metal-mecânica localizada no interior de Minas Gerais. Diante um cenário de profundas transformações no mundo do trabalho, esses profissionais necessitam utilizar saberes práticos e/ou (re)normalizar as tarefas prescritas a fim de suprir as deficiências e preencher as lacunas das normas antecedentes, bem como fazer *usos de si* por si e pelos outros. Devido a isso, a pesquisa possui como aporte teórico a abordagem ergológica de Schwartz uma vez que estuda o trabalho a partir da atividade concreta de quem trabalha. Para tanto, a metodologia aplicada é o estudo de caso visto que a pesquisa concentra-se em uma organização específica e pela relevância de estudar os fenômenos humanos em suas relações sociais. A coleta, análise e interpretação dos dados serão estruturadas por meio de observações semiestruturadas das condições e modo de produção de trabalho e entrevistas semiestruturadas com dez operários distribuídos pelos três diferentes turnos de trabalho. Espera-se com este estudo aprofundar o conhecimento sobre o complexo universo da atividade humana no trabalho, bem como, correlacionar os conceitos existentes sobre desenvolvimento e tecnologias com foco no trabalho.

Palavras-chave: Ergologia. Trabalho. Atividade Humana. Indústria Metal-mecânica.

ABSTRACT

This research has as object of study the analysis of complexity of working conditions of workers the production department of a metalworking industry located in the interior of Minas Gerais. Front a scenario profound changes in the working world, these professionals require to use practical knowledge and/or (re) normalizing the works prewrite in order to eke out the deficiencies and fill in the gaps of previous norms, as well as make use of you by yourself and others. Because of this, the research has as theoretical support ergological approach to Schwartz once it studies the work from the concrete activity of the workers. Therefore, the methodology applied in the case study as the research focuses in a specific organization and the relevance of studying the humans phenomena in your social relationship. The collection, analysis and interpretation of data will be structured through semi structured observations the conditions and mode of production of work and semi structured interviews with ten workers arranged on three different shifts. It is hoped that with this study deepening knowledge about the complexe universe of human activity in the work, as well as, correlating the concepts existing on development and technologies focusing on work.

Key-words: Ergology. Work. Human Activity. Metalworking Industry

1 - INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as transformações no mundo do trabalho e, principalmente, com o surgimento de novas tecnologias, assumem uma tendência voltada à flexibilização da mão de obra, contratos temporários, garantia de empregabilidade a cargo do trabalhador e novas formas de organização. Diante essas mudanças surgem incertezas, desafios e contradições no que se refere à situação do trabalhador nesse novo contexto.

As organizações de trabalho, com raízes nos modelos taylorista-fordista, buscam aumentar, significativamente, os índices de produtividade, sem relacionar nesse universo o ser humano, responsável pelo sucesso da produção e, consequentemente, do lucro. Mesmo assim, para suprir as demandas do mundo capitalista, as empresas buscam trabalhadores dotados de competências e conhecimentos e que sejam rápidos na resolução de conflitos e problemas oriundos das atividades laborais.

Dessa forma, ao utilizarem da racionalidade dos modelos de organização de trabalho, as empresas impõem aos trabalhadores um trabalho rotineiro, desestimulante e, grosso modo, desprovido de sentido. Sendo assim, esses ambientes tornam-se fonte de angústia e insatisfação pela falta de estímulos e reconhecimento de suas capacidades criativas na realização do próprio trabalho. O entendimento é que o trabalho não consiste na simples execução de técnicas e/ou aplicação de ferramentas, mas sim, na utilização de complexos mecanismos de interação dos trabalhadores em situações de trabalho.

Não se pode pensar na atividade do trabalho somente pela óptica da aplicação de métodos e técnicas sem considerar o ser humano ali presente e portador de uma história, de saberes múltiplos que são aplicados na realização do trabalho. O trabalho é construído na sua prática efetiva e carrega a essência das particularidades de quem o realiza e, por essa razão, produz efeitos por meio dos usos de si à medida que esse trabalhador compreende essas singularidades como fontes inesgotáveis de renovação de seu trabalho.

Para compreender a questão da importância do ser humano na atividade do trabalho, necessita-se, antes de tudo, reconhecer a diferença entre trabalho prescrito e trabalho real. Grosso modo, a racionalidade exigida pelas organizações não pressupõe as imprevisibilidades e incertezas. Assim, ao realizar a tarefa, o trabalhador percebe que a prescrição do trabalho não corresponde ao que será executado. Dessa forma, ele necessita (re) normalizá-lo a fim de estreitar a lacuna e as dificuldades existentes na sua realização.

O trabalho, segundo Schwartz (1996), é composto por enigmas e acumula heranças e relações sociais repletas de sentido em forma de atividade, e por requerer variáveis que são

geridas em situações históricas singulares, muitas vezes, inconscientes, denominam-se *usos de si* ou *usos dramáticos de si*. Este último, em forma de emprego, é a forma geral de ativar os *usos dramáticos de si*.

Para a Ergologia, se existe a distância entre o trabalho prescrito e real, esse espaço é preenchido pelo trabalhador por meio de escolhas, (re)normalizações e dos usos de si. Dessa maneira, estudar os temas: trabalho, usos de si, (re)normalizações, segundo propõe a Ergologia, possibilita ampliar o campo da pesquisa para o real do trabalho, denominado por Schwartz como atividade *industriosa*(experiência de trabalho dos homens). Por isso, é preciso ouvir os trabalhadores para entender o trabalho (ARAÚJO e ALEVATO, 2011).

O impacto tecnológico desencadeou profundas mudanças singulares de postura e reação dos trabalhadores da indústria, mesmo porque se considera, nessa situação, a questão da subjetividade, entendida aqui como os diferentes costumes, crenças, expectativas, valores, formas de agir e pensar de cada trabalhador que serão vivenciadas de maneira a contribuir na construção de novas formas e condições de trabalho (LEITE, 1992).

A reflexão anterior remete ao fato de como os trabalhadores enfrentam a introdução de novas tecnologias em decorrência de alguns fatores singulares, tais como: idade, sexo, nível de qualificação, função exercida. Apesar de existirem esses fatores singulares como é construído o coletivo de trabalho que permite um sentimento comum embasado em valores coletivos? Como esses trabalhadores (re) normalizam o trabalho prescrito pela organização para atender às necessidades do trabalho real? Qual o sentido ou perspectiva da atividade laboral para eles? Como analisam o processo de inovação tecnológica das indústrias? Como se envolvem com as mudanças ocorridas na forma de executar o trabalho? Há aceitação ou resistência nas imposições organizacionais? O operário, conforme proposto no taylorismo-fordismo, ainda possui espaço e trabalho nesse novo contexto? Há espaço para discussão sobre o fazer dos operários na empresa?

Por não desejar entender o trabalho como mercadoria, é que se deve refletir e questionar a respeito da forma como este é abordado na sociedade contemporânea. Sociedade esta que atribui ao trabalho associações como ocupação, remuneração, prestação de serviços pelo simples fato de fornecer aos indivíduos um lugar social.

Nessa perspectiva, pode-se perceber o caráter perverso das relações de trabalho para a classe operária uma vez que se considera uma ideia simples sobre o trabalho, ou seja, a troca de tempo por salário. Diante isso, pergunta-se: será o mesmo “valor” atribuído ao trabalho

pela sociedade e por esta classe? Ou ainda, cabe outro questionamento: que valor se atribui ao trabalho realizado por esta classe operária?

Para compreender como se dá o uso dessas singularidades no trabalho, esta pesquisa apoia-se no viés da abordagem ergológica de Yves Schwartz. O trabalho, sob a ótica da Ergologia, possui variabilidades e proporciona ao trabalhador reformular normas antecedentes a fim de não restringir a simples repetição de técnicas. Ao problematizar o trabalho humano formula-se uma tensão entre o visível e o invisível (SCHWARTZ, 2011; SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

Ao considerar esses aspectos, como os operários da indústria metal- mecânica debatem normas e fazem *usos de si* em suas atividades laborais? Com base nessa pergunta buscam-se respostas no referencial teórico da abordagem ergológica com o objetivo de analisar a complexidade das situações de trabalho dos operários do setor de produção de uma indústria metal-mecânica. O sistema de produção vigente pressupõe a cobrança por produtividade e os conflitos advindos do modo de organização do trabalho podem propiciar a esses trabalhadores a reorganização e (re)*normalização* da atividade laboral para suprir as necessidades das deficiências existentes nas normas existentes.

Por todos esses aspectos, esse estudo pretende criar espaços de fala desses operários a fim de identificar como eles intervêm e reagem às imprevisibilidades impostas pela organização de trabalho como forma de atender suas necessidades pessoais e profissionais e, talvez, evitar o sofrimento.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2. 1 – A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NO DECORRER DA HISTÓRIA

A palavra trabalho adquiriu, durante a história, diversas concepções. O ser humano para relacionar-se e integrar-se ao seu meio procura transformar e recriar esse conceito ao longo de sua trajetória. Na idade Média, o trabalho possuiu a ideia de sacrifício ou algo penoso e era delegado aos servos visto que os senhores ocupavam com a política, sacerdócio, guerra, ou seja, estavam preocupados com o exercício do poder. Na era moderna, essa concepção de trabalho começa a mudar tendo em vista a ascensão da burguesia e o interesse pela arte mecânica ao buscar novos mercados pelo incentivo das navegações e invenções (LIMA, 2007).

Dessa maneira, o trabalho foi adquirindo conotações específicas conforme os costumes e tradições de determinada época. No entanto, foi em pleno século XIX, que a palavra trabalho passou a ser analisada por pesquisadores de forma ontológica. Para Marx, o trabalho estava ligado à ideia do homem em relação à natureza e por meio dessa relação o ser humano manipula, controla, organiza e regula seu metabolismo. Ainda segundo Marx, o trabalho atua como algo que diferencia o homem dos outros animais.

O autor afirma que

> Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o piorarquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente (MARX, 1988, p. 142).

Esta citação, embora poética, revela a diferenciação existente entre o homem e os outros animais que não possuem a abstração antes da realização do trabalho conforme realizado pelo ser humano. Essa ideia sustenta-se também em Engels ao afirmar que o homem diferencia-se do macaco pelo simples fato de trabalhar.

Embora tenha existido esta constatação a respeito do fato do trabalho estar ligado à atividade humana, somente a partir do século XX, que as ciências sociais começam a perceber o trabalho como objeto de estudo e pesquisa científica. Ao florescer na Europa e Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, a sociologia demonstrou um interesse tardio pelo tema com um olhar prioritário sobre as transformações do mundo do trabalho. A antropologia teve como foco o cotidiano operário e, como ciência política, enfatiza o Homo Faber em suas relações políticas na sociedade. No entanto, é fato que as ciências sociais tendo início na Renascença não conseguiram uma abordagem do ser humano sem estar vinculado ao trabalho.

A vida em sociedade afeta, substancialmente, no decorrer da história, a articulação sobre a temática histórica do trabalho. É importante salientar que o trabalho é um fenômeno cíclico, dependente da história, e que se altera de acordo com os acontecimentos e necessidades do ser humano participante da vida em sociedade.

2.2 – A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NAS ORGANIZAÇÕES

O processo de industrialização, ocorrido no século XIX e início do século passado, trouxe uma nova forma de organização do trabalho visto que passou a ter um caráter mais profissional. Para Verardo (2004), o fordismo e o taylorismo ao serem implantados trouxeram confrontos com sindicatos de ofício bem como procurou promover a dissociação entre o saber e o fazer. Segundo o autor, o alicerce do processo de produção está no controle do tempo, tarefas fragmentadas e produção intensificada.

No entanto, a partir da década de 1980, começam a ocorrer algumas transformações em relação ao processo de reestruturação produtiva no Brasil. As empresas mesmo que de modo restrito incorporaram novos padrões tecnológicos e organizacionais como forma de reorganizar socialmente o trabalho (ANTUNES; ALVES, 2004).

Para Antunes e Alves (2004) o grande avanço na reestruturação produtiva do capital ocorreu na década de 90 com a implantação de algumas práticas advindas do toyotismo que ainda hoje se configura o processo de produção da grande maioria das empresas como Kanban, sistema just-in-time, subcontratações, terceirizações da força de trabalho.

A partir desse contexto, as empresas intensificaram esse processo de reestruturação produtiva ao utilizar de inovações tecnológicas, mudanças no layout das linhas de produção bem como mudanças organizacionais. As empresas reduziram o tamanho e a forma de estruturar o trabalho, consequentemente, houve uma tendência em diminuir a distância entre os níveis hierárquicos (ANTUNES; ALVES, 2004; WERNECK, 2002; LESSA, 2005). Com a aplicação dessas práticas, o trabalho torna-se mais flexível, ou seja, com menos vínculos organizacionais e empregatícios.

Essa nova estrutura colabora para a fragmentação da classe operária, destrói a coletividade e cede espaço para um profissional cada vez mais individualizado, robotizado e extremamente voltado para o capital para a garantia do emprego. Quanto às competências profissionais exige-se um trabalhador qualificado, hábil, ágil cujas habilidades são de sua única e total responsabilidade.

2.3 – O TRABALHO VINCULADO À HISTÓRIA DO SUJEITO

Ao longo da história o conceito de trabalho vem sofrendo transformações tendo em vista as necessidades da sociedade. Segundo Schwartz (1996) a invenção do trabalho teve

como objetivo solucionar as tensões do século XVIII e a própria noção de trabalho é percebida pelo homem de maneira a reproduzir sua filosofia ou ideologia.

Dessa maneira, a sociedade só existe por meio da história construída pelos seres humanos. Com base nessa afirmação que se diz que o trabalho possui valor visto que é o produtor ou matriz dos laços sociais (SCHWARTZ, 1996). Por ser o trabalho construído por meio da história e reproduzido nela, o homem é significativo nesse contexto por ser responsável por essa reprodução. Portanto, as situações de trabalho constituem de normas, usos e exploração da natureza e dos homens que ao serem vivenciadas estão em constante processo de transformação e reprodução.

Nessa perspectiva, Schwartz(2003) considera que toda a vida humana consiste de experiências e conhecimentos que atravessam a história e ao serem colocados em prática representam novas relações sociais e valores de uso. Os seres humanos com o intuito de produzir diferentes e novas combinações exploram saberes, mudam as técnicas a fim de compreender as denominadas renormatizações e produzir sentido.

A produção de sentido no trabalho consiste em conhecer os saberes singulares dos sujeitos envolvidos que não podem ser antecipados, previstos, conhecidos por tratarem de uma situação de trabalho peculiar. Dessa forma, para compreender a forma como os homens fazem história não se pode restringi-los a simples aplicação de normas prescritas as quais eles necessitassem reproduzir mecanicamente (SCHWARTZ, 2003).

Percebe-se por que as situações de trabalho devem ser compreendidas em toda a sua complexidade e significância. Percebe-se também, a importância de conceber o ser humano como foco principal dessa análise e compreensão. Para tanto, a discussão dos saberes produzidos por meio desse estudo do homem com a sua atividade podem ser compreendidos e/ ou ampliados pelos conceitos da Ergologia.

2.4 – O TRABALHO SOB A PERSPECTIVA ERGOLÓGICA

Com o objetivo de compreender, analisar, discutir ou descrever os fenômenos ocorridos no mundo das organizações, a Ergologia propõe uma nova perspectiva de abordagem e análise do trabalho humano nas empresas conforme apontam alguns pesquisadores como Souza e Bianco (2007), Machado et al. (2007), Lima e Bianco (2009) e Mezadre e Bianco (2012) em Estudos Organizacionais.

A Ergologia concebe o trabalho como atividade humana que se situa no tempo e no espaço e, conforme já abordado anteriormente, produz uma história. Dessa maneira, a atividade de trabalho sob a perspectiva ergológica é a forma como os seres humanos se envolvem e cumprem os objetivos determinados pelo trabalho em local e tempo determinados por meio de ferramentas colocadas à disposição (BORGES, 2004).

Para a Ergologia, em uma situação de trabalho é impossível não haver atividade, bem como é impossível restringir ao prescrito, ou seja, aquilo que é determinado antes mesmo da realização do trabalho. No entanto, não existe somente prescrição visto que o trabalho compreende a atividade humana e o ser humano reorganiza sua atividade em função das variabilidades existentes ao realizar a tarefa. Nesse sentido, o trabalho para a Ergologia não se resume em mera execução.

Yves Clot (2007) analisa a noção de atividade de forma mais ampla do que explorado pela Ergonomia no que diz respeito ao trabalho prescrito e trabalho real. Para Clot, a atividade não corresponde somente aquilo que se faz, porém corresponde, também, ao que não se faz, ao que pode ser feito, ou o que deixa de ser feito. Isso significa que cada sujeito percebe a atividade conforme sua vivência e experiência e consolida o distanciamento entre o prescrito e o real.

No entanto, para Daniellou (2004) o objetivo da Ergonomia é definir as regras do trabalho para transformá-lo, portanto para o autor os saberes ganham sentido nas ações e delas devem partir e se concretizarem. A palavra Ergonomia é composta por dois radicais: *ergon* e *nomos* e conceitua como uma ciência do trabalho. Entretanto, não se pode definir a Ergonomia como simplesmente aplicação tecnológica de conhecimentos originados de outras disciplinas, mas sim como adaptação do trabalho às pessoas que o realizam, logo, uma atividade singular. Dessa forma, "a ergonomia não vê o homem como uma variável de ajuste, mas procura agir nas situações de trabalho para que elas contribuam para permitir ao homem crescer" (DANIELLOU, 2004, p.5).

A abordagem ergológica comunga essa ideia visto que também estuda o trabalho a partir da atividade. Tal abordagem pluridisciplinar objetivada pela Ergologia exige de cada disciplina – seja a Antropologia, a Economia, a Psicologia, a Sociologia, a Engenharia, a Linguística repensem o trabalho por meio de quatro pressupostos: a) a noção de atividade; b) a consideração de um campo de debates de normas em atividades realizadas por seres humanos; c) a existência de uma dialética: universalidade-ressingularização; d) regime de construção de saberes (BORGES, 2004).

Dessa forma, o ambiente de trabalho é um espaço de cultura, sociabilidade, técnica e, principalmente, de seres humanos e de infidelidades, ou seja, cada dia é vivenciado de uma forma, portanto, assim como o ambiente e a vida, o trabalho também é infiel visto que não é executado sempre da mesma maneira, possui variabilidades.

> A variabilidade de todas as situações de trabalho faz com que os problemas não sejam resolvidos, mas constituídos. (...) toda situação de trabalho é, de alguma forma, experiência, reencontro: ela coloca à prova normas e valores antecedentes em uma situação histórica sempre em parte singular. (...) A atividade de trabalho propõe, convoca, impõe escolhas e arbitragens. Nunca é o retorno do mesmo. A realidade e a materialidade desses encontros obrigam a levar a sério o fato de que os valores são também convocados em uma espécie de prova de fogo que os avalia e julga segundo sua capacidade de tratar esses reencontros (SCHWARTZ, 2000, p. 38).

A contribuição da Ergologia ao estudar o trabalho é esse olhar plural sobre o ser humano que realiza a atividade. Essa abordagem interroga acerca dos valores dos seres humanos, e não do trabalho, por não separar a produção no trabalho das demais circunstâncias da vida.

A Ergologia procura desvendar as vivências dos sujeitos no que diz respeito às organizações de trabalho e entender o que possa ser gerador de pressões, desafios, problemas e ao mesmo tempo inquietações e prazer. O homem, centro de estudo da Ergologia, produz interpretações e ações de maneira a contribuir para o fortalecimento das relações sociais no ambiente organizacional.

Nesse sentido, para Schwartz (1999) trabalhar compreende sempre uma *dramática do uso de si*, por envolver o trabalhador por inteiro e propiciar um espaço de dramas, tensões, negociações de normas e de valores. Para tanto, necessita-se aprofundar o conceito de *uso de si* utilizado pelo autor a fim de entendermos aa realidade das organizações de trabalho.

2.5 – A DRAMÁTICA DOS USOS DE SI POR SI E PELOS OUTROS

Não há como separar o ser humano em dois corpos: um no trabalho e o outro fora do trabalho, pois é o mesmo corpo que suporta e enfrenta todas as adversidades oriundas das relações sociais. Partindo desse argumento, considera-se que toda situação de trabalho pressupõe arbitrariedades, desavenças e escolhas que sustentam as decisões elaboradas. Segundo o referencial ergológico, os sujeitos fazem usos de suas capacidades, recursos e

decisões visto que não conseguem somente executar a tarefa (SCHWARTZ, DURRIVE, 2010; SCHWARTZ, 2004).

Conforme Schwartz, todo trabalho é constantemente o *uso de si* ou o *uso dramático de si:* uso de si por si, uso de si pelos outros. Essas expressões remetem ao fato de que o homem é um ser complexo, singular que reelabora o seu fazer a partir desses usos de si. Para a Ergologia, os trabalhadores necessitam superar as lacunas existentes de acordo com suas percepções e, dessa maneira, a atividade laboral não pode ser exercida de forma padronizada e absoluta. Sendo assim, está sujeita às variabilidades suplementares, o que se comprova pela seguinte afirmação: "as normas não antecipam tudo, então trabalhar é arriscar-se, é fazer uso de si" (SCHWARTZ e DURRIVE, 2010, p. 191). Tal afirmação reforça a ideia de que os trabalhadores ao fazerem suas escolhas assumem os riscos e as consequências das suas decisões fazendo emergir a ideia de drama e, consequentemente, os usos dramáticos de si por si e pelos outros.

> (...) isto quer dizer que vemos o outro como alguém com quem vamos aprender coisas sobre o que ele faz, como alguém de quem não pressupomos saber o que ele faz e porque faz, quais são seus valores e como eles têm sido retratados.(...) Esta disposição não se ensina, mas se empresta no sentido de que nos impregnamos no contato recíproco com aqueles que estão no outro polo. Vemos como funciona sua relação com o trabalho e os valores, impregnamo-nos da ideia de que, quando vemos alguém trabalhar, é preciso tentar reconstituir, em parte, suas "dramáticas de uso de si" (SCHWARTZ, 1999, p. 208).

A citação anterior reforça a ideia de que o ser humano possui experiências e valores a serem compartilhados e aplicados na execução de seu trabalho. Mesmo quando há escolhas individuais o trabalhador vivencia seu trabalho engajado em outros trabalhadores, pois nunca se encontram isolados nesse ambiente, ao contrário, no coletivo, constroem, preparam, prescrevem e avaliam o trabalho.

2.6 – CONCEITOS DE TAREFA, NORMAS ANTECEDENTES E NORMAS PRESCRITAS.

A tarefa pode ser definida como um conjunto de objetivos fornecidos aos trabalhadores a fim de apreenderem o trabalho de forma concreta visando à redução do trabalho improdutivo e o aumento do trabalho produtivo (GUÉRIN et al, 2004). Essa definição de tarefa não pressupõe e nem considera as imprevisibilidades e nem as

particularidades dos trabalhadores. Nesse caso, a tarefa está desvinculada do trabalhador e imposta a ele.

Por assim definir a tarefa, pode-se chegar a uma consideração acerca do trabalho prescrito. O que se prescreve ao trabalhador parte-se da relação e da distância estabelecidas entre o tempo médio de execução e as competências e qualificações do trabalhador. As diferenças originadas dessa distância entre o que se prescreve e que é realizado é produto de dominação e limites impostos ao trabalhador. Quando, nesse contexto, só resta ao trabalhador adaptar-se às normas prescritas origina-se um conflito e uma luta não contra as normas, porém contra ele mesmo e, possivelmente o trabalho é unicamente considerado como fonte de sobrevivência e não fruto de satisfação e sentido.

A Ergologia também apresenta o termo normas antecedentes que não difere do conceito de trabalho prescrito, pois ambos se referem às exigências impostas ao trabalhador na realização de seu trabalho. A única diferença que a expressão normas antecedentes relaciona-se àquilo que é exigido antes do trabalho ser realizado, ou seja, é o que antecede a atividade, está no pensamento, nas ferramentas e não ainda na ação (BARROS; FONSECA, 2004).

Dessa maneira, o universo do trabalho é um espaço organizado por meio de normas antecedentes sejam elas científicas, técnicas, organizacionais, interpessoais ocorrendo em conjunto e cabe ao trabalhador a tarefa de intervir nesse meio renormalizando as normas antecedentes como forma de mobilizar sua criatividade, mecanismos de defesa e particularidades.

Para Schwartz (2007), uma das bases que sustentam a perspectiva ergológica é de que qualquer que seja a situação de trabalho há um processo de negociação e cada trabalhador procura a seu modo compor, mesmo nem sempre obtendo êxito, o meio de trabalho conforme seus desejos e aspirações.

3 - PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa possui o objetivo analisar a complexidade das situações de trabalho, do ponto de vista da atividade humana dos operários do setor de produção de uma indústria metal-mecânica localizada no interior de Minas Gerais.

A empresa, campo de estudo, é uma unidade de uma grande indústria metal mecânica situada no interior de Minas Gerais. Produz anéis para motores de veículos automotores e anéis especiais com aplicação para compressores e máquinas agrícolas. A empresa ocupa uma

área de aproximadamente 6.000 m², composta por 400 funcionários, distribuídos em três turnos de trabalho, responsáveis pela produção de uma média mensal de seis milhões de anéis, ou diária de 260.000 anéis. Os indicadores-chave são a entrega, produtividade e refugo, pois respondem pela análise dos resultados obtidos e futuras ações para obtenção das metas estipuladas. Dentre esses indicadores, a produtividade recebe maior importância tendo em vista o atendimento à demanda de mercado.

O motivo da escolha dessa empresa foi em decorrência da facilidade de acesso à empresa por parte da pesquisadora devido a um trabalho de pesquisa anterior sobre os estilos de liderança. Para estabelecer a problemática desta pesquisa e o setor a ser pesquisado optou-se pela observação do campo de estudo por meio das visitas técnicas realizadas uma no mês de maio de 2014; e outra, no mês de outubro de 2014. Pelas visitas, observou-se que esses trabalhadores, frente a esse processo de produção, estão condicionados a exercer suas funções de forma sequencial, repetitiva por execução de um trabalho que pode estar desprovido de conteúdo significativo.

O setor escolhido corresponde a uma célula de produção. Esta célula é responsável por grande parte da produção da empresa. Devido a essa centralidade e importância quanto à produção justificou-se a escolha desta célula para o estudo.

Para que o operador trabalhe nesta célula, é necessário que ele já tenha passado por outras da empresa por exigir competências específicas como conhecer medidas, saber utilizar os instrumentos de medição, ler e interpretar desenhos. A célula, aqui com designação fictícia de célula X, é composta por um torno A, responsável pela Usinagem do produto; quatro tornos B e inspeção A.

O quadro de funcionários deste setor é composto por cinco trabalhadores por turno de trabalho. O setor trabalha com revezamento de turno (manhã, tarde e noite) com jornada diária de oito horas de segunda a sábado e folga aos domingos. No entanto, com possibilidade de trabalho também aos domingos para suprir a demanda de produtividade.

Os trabalhadores do setor são todos do sexo masculino e recebem remuneração fixa. Quanto ao grau de escolaridade, a empresa exige, no mínimo, ensino médio completo e/ou curso técnico equivalente ao ensino médio na área de atuação. A faixa etária é variável e corresponde entre 30 a 40 anos. Quanto ao tempo de trabalho na empresa, grande parte dos funcionários possui em média dez anos de experiência.

A contextualização anterior sugere uma metodologia específica e adequada para o estudo das situações de trabalho no setor escolhido. Nota-se que calcular os movimentos e o

tempo de trabalho por métodos tradicionais não é suficiente para entender todos os aspectos relacionados ao trabalho. Para analisar o trabalho, considerar-se-ão todos os aspectos como história de vida dos trabalhadores, condições de trabalho e modo de produção.

A pesquisa será descritiva-qualitativa por utilizar um ambiente natural e conforme salienta Andrade (2002) os resultados obtidos por meio da pesquisa descritiva contribuem para a interpretação das relações existentes, não manipulados pelo pesquisador, conferindo validade científica à pesquisa.

Para a abordagem do problema, utilizar-se-á a pesquisa qualitativa, pois contempla análises mais profundas no tocante aos fenômenos que serão estudados visto que se referem aos aspectos subjetivos incluindo percepções, comportamentos, símbolos, imagens. Por se tratar de trabalhadores de uma empresa, este tipo de abordagem pode analisar a interação de algumas variáveis e de processos na população pesquisada.

Tendo em vista um amplo campo teórico e dada a dificuldade de uma única disciplina propiciar a análise do tema que será abordado, a presente pesquisa possui caráter interdisciplinar pela necessidade do diálogo entre as disciplinas das ciências sociais e humanas. Devido a isso, ao se aprofundar em uma determinada disciplina há necessidade de ir além dos limites impostos pela disciplinaridade (POMBO, 2008).

A estratégia de pesquisa será o estudo de caso visto que se concentra na análise de uma organização específica. Yin (2002) afirma que esta estratégia investigativa permite preservar as características significativas em seu contexto real. Assim, o estudo de caso possui expressiva relevância ao estudar fenômenos humanos em suas relações sociais.

Quanto à coleta de dados dar-se-á por meio de observações semiestruturadas sobre as condições e o modo de produção do trabalho, entrevistas semiestruturadas gravadas para posterior análise. A técnica da entrevista será aplicada em um grupo composto por dez operários, selecionados voluntariamente, distribuídos pelos três turnos de trabalho. Ao término dessa etapa, as entrevistas serão transcritas e organizadas de modo a compor a análise e interpretação dos dados levando-se em conta as pesquisas realizadas, a escuta dos trabalhadores, bem como a interpretação, sistematização e análise dos dados coletados nas entrevistas e as discussões realizadas na empresa, tecendo um paralelo entre o referencial teórico e as situações vivenciadas pelos trabalhadores.

4 - RESULTADOS PARCIAIS

A presente pesquisa ainda está em andamento, no entanto por meio da observação do campo de estudo e um contexto de profundas e intensas transformações no mundo do trabalho percebe-se que os trabalhadores estão condicionados a sofrer as consequências determinadas pela lógica do capital. Entretanto, ao praticar uma postura de suposta aceitação quanto às normas das organizações de trabalho, esses mesmos trabalhadores, inseridos nesse contexto, reagem a essas imposições ao fazer uso de si, ou seja, de suas singularidades, motivações, valores e crenças na execução do trabalho prescrito. Nota-se, nesses casos, que a técnica não consegue ocupar o lugar do ser humano nem tampouco extingui-lo. É impossível pensar na atividade do trabalho sem que haja a presença do ser humano.

5 – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DO TEMA

O trabalho é tema de múltiplas discussões por pesquisadores de várias áreas do conhecimento, no entanto ainda não está totalmente desvelada. Analisar e conhecer as atividades humanas praticadas no contexto das organizações contemporâneas sob o ponto de vista do trabalhador é um desafio e uma necessidade.

A Ergologia pode proporcionar um novo olhar sobre o trabalho quando amplia os conceitos de Ergonomia, bem como utiliza de outras disciplinas como: Sociologia, Filosofia, Psicologia, linguística dentre outras para compreender o complexo universo do mundo das organizações e entender o ser humano como foco dos estudos sobre o trabalho.

Com base na perspectiva ergológica, considera-se o trabalho como uma atividade que está acontecendo no tempo, ou seja, submetido a constantes mudanças e imprevisibilidades assim como na vida. Nesse contexto, o ambiente de trabalho apresenta-se como um espaço de tensões e problemáticas possibilitando ao trabalhador fazer os usos de si por si e pelos outros.

Tais usos permitem ao trabalhador negociar as normas antecedentes que regulam o fazer, abrir espaço para as renormalizações e lançar mão de si mesmo para solucionar os dilemas advindos do exercício de suas funções laborais. Portanto, o que se pretende nessa pesquisa é ouvir os trabalhadores sobre sua atividade e suscitar uma reflexão sobre as situações de trabalho para entender e conhecer as estratégias e formas de usos de si desses trabalhadores em seu universo de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S**. O que é Trabalho?** São Paulo. Brasiliense. 1986.

ABRAHÃO, Júlia Issy. **Reestruturação produtiva e variabilidade do trabalho: uma abordagem da ergonomia**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, vol. 16, n. 1, p. 49-54, 2000.

ABRAHÃO, Júlia Issy; PINHO, Diana Lúcia Moura. **As transformações do trabalho e desafios teórico-metodológicos da ergonomia.** Estudos de Psicologia, Natal, v. 07, n. spe, Natal, 2002.

ALVES, M.; ARAÚJO, M. T.; SANTANA, D. M.; VIEIRA, D. L. Trabalho do enfermeiro em uma empresa de Home Care de Belo Horizonte, Brasil. Universidad de Antioquia, Colombia, **Invest. Educ. Enferm**, v. 25, n. 2, p. 96-106, jul./dez. 2007.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: **noções práticas.** 5 Ed. São Paulo. Atlas. 2002.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo. CORTEZ. 1995.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, maio/ago. 2004.

ARAÚJO, Anísio. et al. (orgs.). Cenários do trabalho: subjetividade, movimento e enigma. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BARROS, Maria Elizabeth B.; FONSECA, Tânia M. G. **Psicologia e processos de trabalho: um outro olhar**. PSICO – Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-RS, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 133-139, jul./dez. 2004.

BORGES, M. E. S. **Trabalho e gestão de si – para além dos "recursos humanos**". Cad. Psicol. Soc. Trab**.,** São Paulo, v. 7, dez. 2004.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. **A degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: ZAHAR.1977.

CATÃO, Maria de F. F. M.; TRINDADE, Homero C. M. da. **Trabalho, inserção social e realização profissional**. In: ttp://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1998_ART351.pdf. Acesso em: 10 de jul. 2014.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. 2 ed, Ed. Vozes, 2007

DANIELLOU, François (org.). **A Ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos.** São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia Constant. **Gestão com pessoas e Subjetividade** – Capítulo I. São Paulo: Atlas, 2000.

GORZ, A. (ORG.). **Crítica da Divisão do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes. 1980.

GUÉRIN, F. et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia.** São Paulo: Edgar Blücher: Fundação Vanzolini, 2004.

LESSA, Íris. O novo e precário mundo do trabalho - Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. **Trabalho Necessário.** Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, 2005.

LIMA, E. L. N. **Abordagem ergológica de situações de trabalho: estudo em uma empresa do ramo petrolífero**. Dissertação- Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Espírito Santo. 2007.

LIMA, E. L. N.; BIANCO, M. de F**. Análise de situações de trabalho: gestão e usos de si dos trabalhadores de uma empresa do ramo petrolífero**. Cadernos Ebape Br, v. 7, n. 4, p. 629-648, dez.2009.

MACHADO, L. et al. **Apontamentos sobre o cotidiano de alguns trabalhadores**. In: JUNQUILHO, G. S. et al. (Org.). Tecnologias de gestão: por uma abordagem multidisciplinar. Vitória: EDUFES, 2007. v. 2, p. 173-197.

MEZADRE, S. B. B.; BIANCO, M. F. **Análise ergológica da gestão das atividades dos técnicos em eletrônica.** In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 8., 2011, Resende. Anais eletrônicos... Resende, 2011. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/artigos11/50514608.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.

MARX, Karl. **O capital**: **a crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 142. v. 1.

POMBO, Olga. **Práticas Interdisciplinares**. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 402-411.

QUEIRÓZ, Maria de Fátima; MACIEL, Regina Heloísa. **Condições de Trabalho e Automação: O Caso do Soprador da Indústria Vidreira**. Revista Saúde Pública, São Paulo, n. 35 (1), p. 1-9, 2001.

SATO, Leny. **Prevenção de agravos à saúde do trabalhador**: replanejando o trabalho através das negociações cotidianas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(5):1147-1166, set-out, 2002.

SCHWARTZ, Yves. **Trabalho e valor**. Tempo Social - Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 147-152, out. 1996.

SCHWARTZ, YVES. Trabalho e uso de si. **Revista Pró-Posições: Faculdade de Educação /Unicamp**, Campinas, v. 1, n. 5 (32), p. 34-50, jul. 2000.

SCHWARTZ, Yves. **Trabalho e saber.** In: CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO SEMINÁRIO TRABALHO E SABER, Seminário Trabalho e Saber, Belo Horizonte, maio 2003.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e ergologia:** conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed.UFF, 2010.

SMITH, Adam. **Coleção os Economistas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 406.

VERARDO, Luigi. **Transformações no Mundo do Trabalho e Economia Solidária**. Mercado de Trabalho – IPEA, São Paulo, v. 24, ago. 2004.

VIANA, S. V. **Nutrição, Trabalho & Sociedade** - uma identidade profissional em conflito. Salvador: Ed HUCITEC, 1996.

WERNECK, Heloisa. **Reestruturação Produtiva e Desestruturação do Mundo do Trabalho**. Economia & Gestão, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 9-35, jan./jun. 2002.

WISNER, Alain. **Por dentro do trabalho: ergonomia; método e técnica.** São Paulo: FTD : Oboré, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 2ª Ed. Porto Alegre. Bookman. 2002.